

## Mensagem

Quem seriam os destinatários mais próximos de Coélet? Ele se dirige ao grande povo, ou “povão”, como se costuma dizer. Com efeito, no seu vocabulário recorrem muitas vezes o verbo hebraico ‘*assah*’ (“fazer”, no sentido mais básico de produzir concretamente alguma coisa através do trabalho – 62 vezes), assim como os substantivos ‘*amal*’ (“trabalho, trabalho pesado, fadiga, esforço” – 33 vezes), *semesh* (“sol”, muitas vezes se referindo ao trabalho e fadiga realizados sob o sol quente, ou seja, ao duro trabalho do camponês, forma fundamental de trabalho nas culturas predominantemente agrícolas e pastoris – 33 vezes).

Portanto, Coélet surge do seu contato com a realidade. Ele é um sábio que observa. Essa palavra aparece quase 50 vezes no seu livro. Observar não se trata de uma visão superficial, mas de olhar por dentro. Ele investiga (1,13), explora (1,13; 2,3; 7,25-26), procura conhecer e saber o sentido da vida (1,17; 2,14; 3,12; 6,12; 8,16-17). Coélet assume uma atitude reflexiva (1,16), experimenta (2,1; 7,11), verifica (2,3; 5,12; 7,13), comprova (2,24; 3,18; 2,17). Em relação à discriminação contra a mulher e o sentido da sabedoria, ele pesquisa com afinco (7,25-26; 7,28-29; 8,17

## Referências:

PASTORAL, Nova Bíblia. **Introdução ao Livro de Eclesiastes**. São Paulo: Paulus, 2014.

MARQUES, Maria Antônia; Shigeyuki Nakanose, svd. Vida Pastoral: **Mais vale sabedoria do que armas**. P. 11-16.

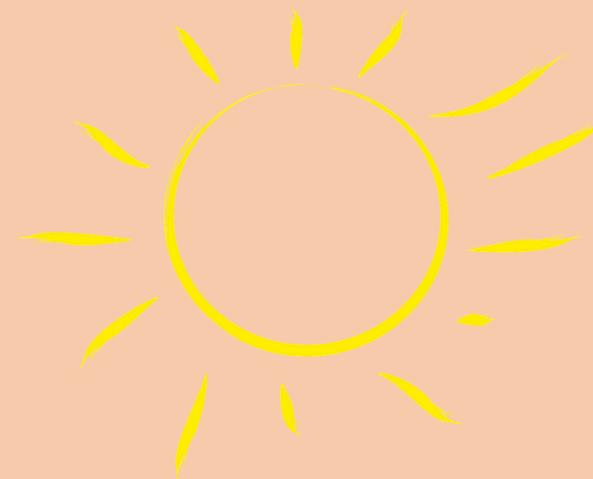
NAKANOSE, Shigeyuki, svd. Vida Pastoral: **O Destino Cabe a Todos**. Uma leitura de Eclesiastes 9, 1-10. Ano- 2006.

**Grupo:** Alane Andrade, Clayton Sérgio, David Brendo, Ever Espinosa, Jefferson Lucas, Sidney Barbosa e Thiago Pereira.



## ECLESIASTES:

Alegria é Viver o Presente e Desfrutar  
do Próprio Trabalho



*Que proveito tira o homem de todo o  
trabalho com que se  
afadiga debaixo do sol?  
Ecl, 1, 3*

## **Introdução:**

O livro de *Coélet*, ou *Eclesiastes*, foi escrito provavelmente em finais do século III a. C., talvez em Jerusalém, por um mestre que se dedicou “a buscar a sabedoria, observando todas as tarefas que se realizam na terra” (cf. Ecl 8,16). Não é possível saber o nome do autor desse livro, apenas a função pela qual ele é conhecido. O termo *coélet* vem do verbo hebraico *qahal*, cujo significado pode ser reunir, congregar, colocar junto em assembleia. *Coélet* pode significar aquele que reúne ou fala em assembleia. Em grego, assembleia é *ekklesia*, daí o nome *Eclesiastes*. Para simplificar, sempre vamos nos referir ao sábio com o termo hebraico: *Coélet*.

Nesse contexto, surge a voz de *Coélet*: “Examinei todas as obras que se fazem debaixo do sol. Pois bem, tudo é vaidade e correr atrás do vento” (cf. Ecl 1,14). Para ele, a busca desenfreada de riquezas é vaidade, ou seja, é coisa passageira, fugaz, absurda. É uma crítica contra o modo de vida implantado pelo império grego- egípcio, que, entre outras mudanças, se organiza na cidade, a partir das leis do comércio e da formação de grandes propriedades de terras, tendo como consequência a exploração do trabalho e a utilização de mão-de-obra escrava. O sábio, por sua vez, mostra que a religião oficial também está a serviço dos poderosos, tanto dos dominadores gregos

como das elites judaicas. Ele observa que no lugar da justiça está o crime e que há muitas pessoas justas passando fome. Essa afirmação desmente os princípios da teologia oficial que afirma que Deus recompensa a pessoa justa. Enfim, o *Eclesiastes* é um livro sapiencial a serviço do povo.

## **Estrutura do Livro:**

O livro apresenta três poemas que podem ter sido compostos por *Coélet* ou recolhidos de outras fontes: (cf. Ecl 1,4-11; 3,1-8 e 12,1-7). A temática é a mesma: a vida é passageira. Se a vida é passageira, então, o importante é ser feliz. A partir da realidade, o sábio arrisca um projeto para alcançar a felicidade humana, que pode ser apresentado da seguinte forma:

**Primeira parte** (1,12-3,22). O sábio analisa a realidade, especialmente a exploração do trabalho e o empobrecimento, justificados pela religião oficial, e apresenta a sua proposta de vida: fazer o bem, alegrar-se comer, beber, desfrutar o fruto do trabalho (2,24; 3,12,22).

**Segunda parte** (4,1-6,9). Alguns passos concretos para alcançar a felicidade: solidarizar-se com as pessoas necessitadas, recuperar o trabalho como fonte de prazer, rejeitar a competição e o individualismo (4,1-12). Ele insiste na importância de viver uma religião a serviço da vida (4,17). Reconhecer que o acúmulo é um grande mal, pois do

mundo nada se leva (5,7-16). Como um refrão, volta a repetir que o importante é viver e ser feliz (5,17-19).

**Terceira parte** (6,10-8,17). É como se *Coélet* estivesse dialogando com seus adversários. Nesse diálogo, ele ironiza a sabedoria oficial e coloca por terra os fundamentos da teologia da retribuição, por exemplo: “Já vi de tudo em minha vida de vaidade: o justo perecer na sua justiça e o ímpio sobreviver na sua impiedade” (7,15-16; 8,14). Descarta a pretensão da sabedoria de querer dar resposta para tudo (8,17).

**Quarta parte** (9,1-12,8). *Coélet* retoma seus ensinamentos e os apresenta de maneira mais completa: comer com alegria, beber vinho com satisfação, usar vestes brancas e perfume, desfrutar a vida com a pessoa amada. E conclui: “Esta é a tua porção na vida” (9,9). Um convite para viver a vida intensamente, realizando a partilha na gratuidade. Isso é dom de Deus. Cabe aos seus discípulos acolherem seus ensinamentos.

**O livro traz dois epílogos:** 12,9-11 e 12,12-14. No primeiro, um dos seus discípulos apresenta o seu mestre como sábio e pastor. No segundo, outro autor retoma a questão do temor e do julgamento de Deus, modificando o conteúdo do texto conforme a corrente oficial da sabedoria – um epílogo que é contra a maneira de pensar de *Coélet*.